

EU PROFESSOR, TU PROFESSOR, NÓS PROFESSORAMOS: SENTIR E SIGNIFICAR O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DOCENTE.

Luciana de Sousa Lima Soares

É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos, nos forma e nos transforma[...]o que se adquire no modo como vamos respondendo ao que vai nos acontecendo[...] e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece.

Larrosa(2001)

A vida em sociedade se constitui como devir. Os sujeitos experienciam as coisas do e no mundo e com isso se (trans) formam. Formar-se e transformar-se em pessoas humanas, interpretando as relações que se vivificam a sua volta, dando sentido ao seu existir, fazendo-os perceber quem são e o que buscam ser, assumindo diferentes papéis sociais, ora são filhos e filhas, ora são pais e mães, ora são maridos e esposas, ora não sabem o que são, ora assumem uma profissão, ora são o que os outros querem que seja. E isso constitui os processos de identificação dos sujeitos com as relações que estabelecem em sociedade.

Tais processos permitem que os atores sociais se vejam como co-participe daquilo que ajudam a construir, seja por alguma atividade não laboral que realiza, na família, com o grupo de amigos, etc; seja pelo trabalho.

Assim, cada um forma-se e transforma-se a partir do que apreende do mundo, isto é, as relações que estabelecem com o meio permitem a construção de si.

É válido ressaltar, que as coisas não estão prontas e acabadas, os sujeitos adentram numa atmosfera que vem sendo consolidada há milhões de anos, se (re)afirmam a partir de fatos históricos, que se constitui a partir dos aspetos econômicos, políticos, culturais e dão forma a um contexto. Essa compreensão é necessária visto que os homens se fazem num espaço- tempo que favorece a escolha de diferentes papéis sociais, formas de se relacionar com as coisas do mundo e comportamentos que condiz com o momento histórico que vivencia.

É de Paulo Freire, a célebre frase “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (1979, p.79). Nessa frase, verifica-se que ninguém é onipotente, nos fazemos humanos pelas relações com outros homens e com o mundo. Portanto, é nas formas de convivência que nos

educamos, apreendemos e organizamos simbolicamente a vida social e assim construímos uma identidade (ou várias identidades). São estas que permitem a deliberação de ações consentidas e sentidas, dando aos contextos forma, brilho, cor e um enredo, no qual o principal protagonista assume diferentes personagens.

Esses protagonistas, por outro lado, são pessoas comuns, que vivem ou sobrevivem numa ordem socialmente ditada. Tem uma cidadania, um nome e habitam um espaço. Dessa forma, as identidades configuradas são expressões de um reconhecimento social, sendo, portanto “o resultado estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições” (DUBAR, 1997, p.105).

Dentre os vários protagonistas de histórias reais, escolheu-se aqueles que são/estão exercendo a profissão de professor. Assim, entendendo os processos de significação e apreensão do contexto no qual os professores estão inseridos, buscou-se identificar como esses sujeitos se constituíram e permanecem professores, visto que essa escolha dar-se-á por uma série de fatores inscritos na história pessoal de cada indivíduo, pelos aspectos econômicos e na significação que cada ator docente faz da profissão que exerce.

Nesse estudo, elencou-se como categoria central a identidade profissional, tendo como sujeitos da pesquisa três docentes de uma escola pública estadual da capital Teresina.

A escolha desses atores foi aleatória e utilizou-se como metodologia de coleta de dados as entrevistas narrativas, pois estas proporcionam um deslocamento, saindo do presente e retornando ao passado, fazendo emergir acontecimentos guardados na memória e que trazem à consciência a construção de um sujeito que tem uma história, trajetórias de vida pessoal e profissional que contribuíram para ser o que são hoje. (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002).

Não obstante, essa abordagem tem um caráter essencialmente qualitativo. Trata-se do tipo de atividade que favorece a reflexão sobre os sentidos e significados atribuídos pelos professores à sua prática, revelando assim a presença de aspectos objetivos e subjetivos das relações que estes mantêm no seu contexto de trabalho.

1 O eu, o tu e o nós: a constituição da identidade.

Falar de identidade(s) é relacioná-la “aos diversos papéis sociais que desempenhamos, toma forma de uma personagem que incorporamos para nos representar no mundo” (SANTOS, 2001, p.23). Representa um processo socialmente constituído, a partir da interpretação do social e que se estabelece ao longo da existência de seus atores.

O termo identidade pressupõe algo inerente ao indivíduo (eu), porém tal assertiva é limitada ao campo subjetivo e ao remetermos à pessoa humana, ser único, porém social, devemos incluir o campo da objetividade, que são as transações externas resultantes do “confronto entre as procuras e as ofertas de identidades possíveis e não apenas como produtos de identidades pré-construídas” (DUBAR apud SANTOS, 2001, p.27). Assim, ao falarmos de identidade devemos pensar em identidade social (nós), ou seja, “a consciência que um sujeito tem de si mesmo é marcada pelas suas categorias de pertença e pela sua situação em relação aos outros (tu)” (SANTOS, 2001, p.25-26).

Nesse sentido, a identidade é um processo que se constrói na dinâmica social, a partir da construção do “eu”, que ocorre durante toda a vida do indivíduo e pelo qual ele se expressa e interage no mundo. É construída com base nas múltiplas e distintas determinações que são desenvolvidas nas interações sociais do sujeito com os outros e a estrutura social.

Portanto, é na perspectiva da superação da dicotomia entre a identidade social e a identidade pessoal que se entende o processo de sua constituição, numa articulação dialética entre dados objetivos e subjetivos.

Convém lembrar com Nóvoa (1995, p.16) que:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de *maneiras de ser e de estar na profissão*. Por isso é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. (grifo meu).

A constituição da identidade docente perpassa pela apropriação das funções subjetivas, que subjazem as características individuais; e das funções objetivas, que refletem no agir profissional, enquanto um papel social que possibilita ao sujeito pertencer ao sistema e assim, ser reconhecido pela profissão que exerce. Nessa perspectiva é impossível separar o eu profissional do eu pessoal, pois o professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor (NÓVOA, 1995). São identidades que se misturam.

É mister pensar na construção de identidades atreladas às determinações sociais, quer sejam a reprodução de estruturas sociais, quer sejam as transformações.

Sendo um processo de construção do sujeito historicamente situado, a(s) identidade(s) do profissional docente emerge, em dado contexto e momento histórico, a partir das respostas às necessidades que estão postas pelas sociedades.

Para Lane (2001, p.62) “somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos afetividade que ama e odeia este mundo, e com esta bagagem nos identificamos e somos identificados”. Nesse sentido, nos tornamos seres que constroem e desconstroem idéias, representações, pois a todo momento somos levados a nos adaptar com as transformações que acontecem de forma intensa e acelerada, revendo conceitos e posturas, sobretudo quando essa exigência impõe novas maneiras de agir, de pensar e de sentir.

Com essa base teórica, realizou-se uma pesquisa empírica de base qualitativa durante o segundo semestre de 2008 e os resultados alcançados são abaixo descritos.

2 Histórias de vidas vividas: sentidos e significações atribuídos pelos atores docentes.

Como procedimento de pesquisa, optou-se pelas entrevistas narrativas, a fim de identificar as experiências que esses profissionais trazem consigo e que norteiam os valores, as atitudes, os seus dilemas de forma a apreender os sentidos e significados das suas ações no ambiente escolar, ou seja, a construção de si e da profissão docente.

Por sua vez, a utilização das narrativas na pesquisa em educação realiza-se a partir de um processo de desconstrução/construção das experiências vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa. “Esse tipo de abordagem não valoriza apenas o produto final das narrativas, mas essencialmente, o processo vivido pelo sujeito, ou seja, seus sentimentos, sua própria fala, circunstâncias onde esta foi produzida”. (LOIOLA, 2004, p.85- 86).

As entrevistas narrativas foram realizadas em uma das salas de aula da escola que os três docentes lecionam. No momento do registro oral desta, a sala estava vazia e os professores tinham tempo livre suficiente para ceder uma entrevista.

Para facilitar o registro do enredo narrado, após explicar o objetivo do presente estudo e esclarecer a garantia do anonimato dos docentes a partir do termo de

consentimento livre esclarecido, os partícipes deveriam organizar suas idéias de acordo com as fichas que lhe foram apresentadas, a saber:

CENÁRIO FAMILIAR **CENÁRIO ECONÔMICO** **CENÁRIO EDUCACIONAL**

Numa mesa ficaram expostas as três fichas, na qual indicavam o direcionamento da fala desses sujeitos.

A partir do enredo narrado, obtiveram-se os seguintes dados:

DOCENTES (apenas iniciais do nome)	Idade	Tempo de magistério na escola pública	Formação Superior- Maior titulação	Disciplina que leciona
Professor A.B	44 anos	1 ano	Graduado	Geografia (EJA)
Professora D.	30 anos	5 anos	Especialista	Ed. Física (E. Fundamental)
Professora O.	36 anos	6 anos	Graduada	Ensino Religioso (E. Fundamental e EJA)

Fonte: Dados da pesquisa empírica (2008.2)

Ao contarem suas histórias os docentes davam vida e cor para acontecimentos que lhes marcaram, ora enfatizando a relação com os pais, ora as amizades, os amores, as conquistas profissionais. A fala inicial foi direcionada para o contexto familiar, revelando suas origens:

Eu venho de uma família de 13 irmãos, vivos 8, 4 homens e 4 mulheres, mas somos uma família bem humilde, viemos praticamente todos do interior do Maranhão. (Professor A.B).

Tenho 6 irmãos, eu só a única filha mulher. A maior parte da minha família nasceu no interior, já eu sai com 2 anos de idade do (de um) município do Maranhão [...] Sou de uma família bem humilde. (Professora D).

Nasci aqui mesmo em Teresina. Nós somos 9, sendo 6 mulheres e 3 homens e assim a gente tinha o necessário para sobreviver. (Professora O).

Esses personagens se fazem diferentes de outros, quando enfatizam de onde vieram e ressaltando, no caso do professor A.B e da professora D, a condição econômica da família: humilde. Essas origens são enfatizadas na vida destes e trazem uma identificação com “o que eu sou”, algo que está inscrito nesses sujeitos e que marcam suas identidades pessoais.

A partir do contexto familiar, observou-se que a escolha por uma profissão é marcada ora pela influência do contexto econômico (todos vieram de família humilde), ora pela projeção profissional anunciada pelos pais:

Os meus pais sempre nutriam a esperança de poder por os filhos pra estudar, porém não direcionavam para uma profissão. (Professor A.B).

(A escolha pelo magistério) talvez também pela questão do meu pai dizer que filho de pobre se conseguir formar pelo menos em professor já é uma coisa boa [...] (Professora D).

A gente não tinha assim um incentivo em casa, de estudar pra ter isso, isso e isso. Eu acho que se eles (os pais) tivessem mais presentes talvez eu já teria terminado o meu curso superior, mestrado, doutorado, já há bastante tempo [...] por que assim não havia muita cobrança. (Professora O).

Essa projeção familiar tem um papel muito forte na vida desses sujeitos, a expectativa que fora depositada na escolha profissional deles revela o direcionamento para a escolha da profissão docente, criando assim uma identificação com esse ofício.

Contudo, percebe-se em Ciampa (2001, p. 67) a veracidade dessa análise: “em cada momento da minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito [...] com todas determinações que me tornaram um indivíduo concreto”.

É interessante ressaltar que os três docentes estudaram em escolas públicas, principalmente devido à condição econômica da família e isso possibilitou comparar a escola pública de seus tempos com a da atualidade:

Nós estudamos sempre em escola pública. E a escola pública nessa época era referência[...] e funcionava de verdade. (Professor A.B).

Se eu tivesse estudado numa escola particular, sei lá [...] não é nem que tenha diferença entre escola particular e pública por que eu não via essa questão de escola particular e pública como se fosse um empecilho pra você adquirir um curso melhor ou pior, tanto é que na época a própria escola que eu estudava muita gente saiu pra outros cursos e o ensino era bom, muito bom mesmo. (Professora D).

O fato de ter estudado em escolas públicas possibilita uma comparação segura e quando falam dos dias de hoje em que são/estão professores, reconhecem que os contextos são bem diferentes, as escolas públicas não têm mais uma imagem positiva, “não funcionam de verdade” e é com essa concepção que determinam e compreendem que são professores de escola pública e essa identificação permite constatar que ao mesmo tempo em que eu sou um (bom) professor(a), eu leciono em uma instituição falida.

A representação negativa da escola pública e do ser professor conduziu uma escolha não consentida das suas formações, mostrando que para esses atores as condições sociais e econômicas que viviam não possibilitava muitas escolhas:

A licenciatura eu fiz porque não tinha bacharelado aqui, mas se tivesse bacharelado eu queria ter feito era bacharelado. (Professor A.B).

Quando eu comecei o ensino médio eu fiz o pedagógico, assim não foi nem uma questão de eu escolher, talvez pela escola ficar próximo[...] (Professora D).

Eu fiz o ensino médio primeiro e aí como eu tava sem fazer nada[...] mas assim quando eu fiz o pedagógico eu fiz não porque eu queria fazer, é onde eu bato na mesma tecla, a gente não tinha assim um incentivo em casa, de estudar pra ter isso, isso ou isso. (Professora O).

Pode-se observar que os elementos que direcionaram a escolha profissional não se relacionam com a vontade desses atores, seja por uma representação do ser professor, seja pelo pouco status social da profissão, seja pelo desconhecimento do ofício docente.

Nessa ótica, os processos de identificação profissional perpassam pelo “capital de saberes, saberes- fazer e saberes- ser, isto é, as condições de exercício dessa prática, a sua pertinência cultural e social e às questões de estatuto profissional e prestígio social da função docente”. (GONÇALVES, 1995 apud SANTOS, 2001, p.33).

Porém, essas identificações com a atividade profissional que os professores exercem, foi se movimentando ao longo de suas trajetórias de vida, considerando que o conhecimento de um ofício possibilita o gostar, uma aproximação daquilo que antes estava fora de si. O que justifica dizer que a identidade é metamorfose, ou seja, é preciso experimentar, sentir, conhecer para que uma incorporação se torne possível:

Eu sabia (tinha consciência) que o curso iria me dar habilitação pra ser professor [...] A universidade é um ambiente muito bom, até pra você conviver mesmo, eu me sentia muito bem, muito bem na universidade. (Professor A.B).

Então eu acho que eu fui começando a gostar do curso e tive uma professora que me marcou e ela colocava essa questão de você cuidar, repassar o que você sabe pra alguém, tanto que foi aí que eu comecei a gostar do curso (Professora D).

Então eu aprendia assim habilidades de fazer com que o aluno entendesse [...] e pra mim isso foi tão gratificante que eu consegui passar pra ele o verdadeiro conteúdo. (Professora O).

Freitas (2006) entende que a identidade profissional docente “se constitui a partir das posições atribuídas por diferentes discursos e agentes sociais aos sujeitos [...],

contudo é no fazer diário, no cotidiano de vida e de trabalho, que a identidade vai se construindo com maior profundidade”. (p.69-70). É nesse emaranhado de idéias que os três atores docentes aqui apresentados criam uma identidade profissional, construída ao longo das experiências vivenciadas.

Ao pontuar identidade como processo, compreende-se que esta é uma (des) construção, que demanda permissões, autonomia, conscientização e principalmente sentimento. Por isso, entre o ser e o estar existe uma linha muito tênue demarcada pelo sentir do sujeito e a significação que este faz de suas apropriações no mundo. Quando “eu sou professor de escola pública” eu preciso defender uma posição que não é reconhecida socialmente e por isso o desgaste físico e psicológico é maior, mas ao criar uma identidade com essa posição, o professor passa a se valorizar e a valorizar a profissão independente de outros.

Os atores que aqui falaram sobre suas histórias, por mais que tenham pouco tempo de magistério na escola pública (variando de 1 a 6 anos), sabem dos desafios, dos disabores e dos sabores de seus ofícios e ao pontuar o que é SER professor, não titubearam na resposta:

Ser professor hoje é contribuir para a formação de fato, eu especificamente, a minha família começou a melhorar de vida qualitativamente a partir do momento que a gente estudou e se qualificou. Então hoje ser professor é contribuir de alguma forma pra que outras pessoas também melhorem de vida, tenham uma qualidade de vida, tenham os sonhos e possam realizar esses sonhos. Eu quero contribuir com isso, pra me sentir bem.(Professor A.B).

Eu vejo que cada professor quando ele ta na ativa, seja em qualquer fase da sua carreira, ele tem que se doar naquele momento, pois a responsabilidade é a mesma. Então o professor deve se conscientizar que ele é uma peça fundamental para a melhoria da educação. Se todos se conscientizassem e cada um fizesse sua parte, com certeza as coisas melhorariam bastante. (Professora D).

Eu não sou das melhores, mas também não sou das piores. Eu acredito que eu posso melhorar, mas eu procuro fazer um bom trabalho. Eu penso muito na mãe, colocar o filho na escola pública e ter a confiança de que aquela criança vai aprender alguma coisa. Minha preocupação maior é no processo ensino-aprendizagem.(Professora O).

Ser professor nas falas desses docentes, é ser capaz de fazer o outro aprender, desenvolver-se criticamente e mais que isso, acreditar naquilo que está fazendo, ser capaz de ver sentido naquilo que faz, mas é também enfrentar desafios e continuar a longa jornada de educar no mundo de hoje.

Portanto, esses educadores constroem, habitam um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes alcançáveis, é um fundador de mundos, mediador de esperanças e pastor de projetos (ALVES, 2005).

3 Esboço de um conclusão.

Refletir sobre a construção dos atores docentes, evidenciando como esses sujeitos se constituíram e permanecem professores, por meio da materialidade da narrativa de histórias vividas e reinterpretadas implica em uma atividade de apreensão dos sentidos e das significações que os protagonistas atribuem às situações vivenciadas/experienciadas. Foi essa a tentativa do presente estudo, visto que “a apresentação de si mesmo é sempre uma pretensão de reconhecimento”. (FREITAS, 2006, p.113).

Nas evocações, percebe-se que o que faz a experiência formadora é uma aprendizagem que articula: “saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros”. (JOSSO, 2004, p.39). Dessa forma, os protagonistas das histórias aqui apresentadas se percebem nas suas falas e com elas puderam refletir sobre suas (trans) formações, no qual legitimam uma postura e um jeito de ser.

Compreende-se enfim que a construção dessa identidade é processual e contínua, portanto está diretamente vinculada a diferentes tempos e espaços – distantes e presentes. Nessa perspectiva, os antecedentes contribuem para a construção dessa identidade, pois o que são hoje não deixa de refletir o que foram no passado. Trazer à tona a história anterior é possibilitar a reflexão acerca da construção de um futuro, compreendendo-o enquanto tempo de possibilidades.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**: qualidade total na educação. 8ª ed. Campinas-SP: Vozes, 2005.

CIAMPA, Antônio da Costa. Indentidade. IN: LANE, Silvia T.M. & CODO, Wanderley (orgs.) **Psicologia Social**: o homem em movimento. 13º ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

DUBAR, Claude A. **Sociologia**: construção das identidades sociais e profissionais. Portugal: Porto Editora, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 6ª edição, 1979.

FREITAS, Fernanda de Lourdes de. A constituição da identidade docente: discutindo a prática no processo de formação. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Educação. Campinas: Unicamp, 2006.

JOSSO, Marie- Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra & BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. IN: BAUER, Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LANE, Silvia T. M. & CODO, Wanderley (Orgs.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13º ed., São Paulo: Brasiliense, 2001.

LARROSA, J. **Nota sobre a experiência e o saber da experiência**. Textos/subsídios ao Trabalho Pedagógico das Unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FMEC. Leituras – SME, julho de 2001.

LOIOLA, Laura Jeane Soares Lobão. Contribuições da pesquisa colaborativa e do saber prática contextualizado para uma proposta de formação continuada de professores de Educação Infantil. **Tese de Doutorado**, Faculdade de Educação. Fortaleza: UFC, 2004.

NÓVOA. Antônio (Org). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

SANTOS, Elzanir dos. Identidade profissional docente: os ditos e os feitos. **Dissertação de Mestrado**, Faculdade de Educação. Fortaleza: UFC, 2001.